

LIMA, Carla Andrea; BARBOSA, Vivian Vieira P. Uma poética da corporeidade: entre pulsão e ação. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia. Universidade Federal de Uberlândia; Professora Adjunta de Teorias do Corpo e da Dança e Professora Assistente de Técnica e Composição.

RESUMO

Articulamos as noções de impulso e ação na construção de uma poética da corporeidade em dança. Para tanto, visitaremos os conceitos de Ação e Esforço em Laban, a ideia de trabalho sobre si e o conceito de pulsão em psicanálise. O trabalho sobre si pode ser pensado como conjunto de práticas cujo próprio si se coloca em questão. Para Lacan, a ideia de si como corpo não está desvinculada de uma problematização acerca do Inconsciente (em que interior e exterior estão em continuidade) como algo que fica na espera, que se manifesta na região do não-nascido. Em correspondência, Laban apresenta o universo da ação como conexão entre dentro e fora, entre a atitude interna e o impulso criativo, desenvolvido no constante engajamento da criação de si pela motricidade. A tal impulso corresponde uma qualidade de esforço, que se define, sem ser definitivo, ao tornar visível o invisível do corpo. A invisibilidade se apresenta como um vórtice de forças puras, anteriores ao próprio movimento sendo somente através da conexão com tais forças o que constituiria a ação como devir. Por fim, levando-se em conta as articulações propostas, investigamos o não-nascido articulando-o à ação, pensada como espaço de fricção entre o eu e o outro, entre visível e invisível,

PALAVRAS-CHAVE: corpo: ação: esforço: pulsão.

ABSTRACT

This text articulate the concepts of impulse and action in building a poetics of embodiment in dance. We will visit the concepts of Action and Effort at Laban, the notion of “work on itself” and the concept of drive in psychoanalysis. The “work on itself” can be thought as a set of practices whose “itself” arises as an issue to be discuss. For Lacan, the idea of itself as a body is not unrelated to the inquiring about the unconscious (that interior and exterior are in continuity) as something that is on hold, which is manifested in the unborn region. In correspondence, Laban presents the universe of action as connection between inside and outside, between the inner attitude and the creative impulse, developed in constant engagement of the creation of itself by the motility. To each impulse corresponds an Effort quality, which is defined without being definitive, in make visible the invisible of the body. The invisibility is presented as a pure forces vortex, prior to the movement, being only by connecting with this forces that would the action as becoming. Finally, taking into account the proposals links, we investigated the unborn articulated to action, considering it as an area of friction between the self and the other, between visible and invisible, between spiritual and carnal.

KEY-WORDS: body: action: effort: drive.

A partir de uma apropriação particular, feita sobre os conceitos de impulso interior ou atitude interna, especialmente relevante à compreensão da Teoria dos Esforços em Laban, é possível problematizar uma poética singular que se cria na complexa teia de relações estabelecidas pelo indivíduo que é, de uma só vez, sujeito e objeto de sua arte, isso se atrelarmos a essa construção uma reflexão sobre a categoria de sujeito, pensada como algo que se articula nos limites da linguagem e que pressupõe com a confrontação com aquilo que, no sujeito, resiste a sua inscrição significativa e só pode se dar “pela vacilação da sua identificação com o lugar fornecido pelo Simbólico” (SAFATLE, 2005, p. 128).

Se Laban evoca, em suas elaborações, uma filosofia da dança - ou coreosofia - talvez seu principal pressuposto seja a indissociação entre pensar, sentir e agir ou ainda, entre intenção, atenção e ação levando em consideração que, tais “camadas” da existência, são como faces de uma mesma realidade.

Tal indissociabilidade se mostra como potência, desvelando o que, na Teoria dos Esforços, eclode como forças puras, categorias pré-gestuais que, postas em trabalho, ou, mais propriamente, em movimento, formam, deformam e transformam um “eu” nunca estático, mas ex-tático (no sentido do êxtase e também da extimidade[i], existência[ii]), pressupondo um trabalho sobre a verticalidade caracterizado pelo constante engajamento da construção de si através de uma motricidade que mobiliza das camadas mais superficiais até aquelas mais profundas da própria existência.

Por uma lógica de unidades atômicas, Laban denomina tais forças puras como fatores de movimento - a fluência, o peso, o espaço e o tempo - que tanto podem esmorecer em experiências empobrecidas e desvitalizadas da motricidade, como podem desabrochar em um rico e infinito vórtice relacional em suas gradações e sutilezas. Tais fatores não são categorias estanques ou essencialistas (LOUPPE, 2012, p. 139), mas sempre relativas ao posicionamento do sujeito e às suas percepções em relação às suas próprias experiências.

Dentro desse universo, a ação aparece no atravessamento e na interseção entre movimento interno e externo (LABAN, 2011a; LABAN, 2011b; RENGEL, 2003), em suas mais diversas correspondências, sendo esse movimento de co-responder, imprescindível a esse tecido conjuntivo que se forma na visibilidade e na invisibilidade da dança.

A presença, nesse sentido, tem a ver não somente com o volume material que se coloca em determinada localização espacial; ela tem a ver, antes e também, com o difícil ato de assumir e lidar com a complexidade dessa circulação de forças que, para Laban, são anteriores ao próprio movimento externalizado. Tais forças não são

impostas de fora para dentro, mas são despertadas pelo próprio sujeito quando este se põe em trabalho a partir desta perspectiva relacional.

Na lida com esse trânsito constante é possível mergulhar em um fluxo de estados corporais distintos e de qualidades muito peculiares de movimento, surgidos de impulsos que são seguidos e alimentados pela sensação e pela própria motricidade. Como Laban pensa essa vida interior em termos de energia e de ideias puras que pontuam aspectos relacionais do movimento, sua visão é a de que cada ser humano guarda secretamente essas forças, e que esse locus sagrado no qual essas forças habitam é uma reserva inesgotável de energia criativa para o movimento (MACHADO, 2014). As energias puras não ficam, então, fora do corpo ou em algo que não seja, tradicionalmente, corporal (como seria o caso da alma). Pelo contrário, as energias são incorporadas, sem ter lugar específico, em um “não-lugar” corpóreo ou ainda um espaço de limiar como podemos pensar o lugar do pulsional defendido por Freud (1996a; 1996b) e que, por sua vez Laban nomeou como Região ou Mundo do Silêncio (LAUNAY, 1999).

Lembremos que Freud localizou a pulsão como um conceito limite entre o psíquico e o somático. Ao articularmos esse Mundo do Silêncio com a categoria do pulsional em Freud operamos essa articulação tendo em vista que a pulsão também “guarda” um limiar (interior/exterior ao corpo e ao sujeito), ou se refere a ele.

Para Garcia Roza o conceito de pulsão “não é um conceito como os demais”, haja vista que é portador “de uma opacidade que lhe é essencial” (GARCIA-ROZA, 2003, p. 14). Referida à linguagem, a pulsão ocupa uma zona de silêncio, posto que se situa aquém do inconsciente e do recalque, escapando à trama da linguagem e da representação. Desse modo a captura da pulsão pelo conhecimento advém impossível lembrando que o corpo não é simplesmente “lei da conexão de sensações e de atos, mas impulso que indica como as categorias do entendimento se estruturam em torno de um objeto pulsional que lhes escapa” (SAFATLE, 2005, p. 214).

Compreendamos a partir daí a afirmação de Freud que a pulsão de morte seria a pulsão por excelência, pois esta se configuraria como aquilo que permanece invisível e silencioso, não referida a qualquer objeto.

Dessa forma, a pulsão de morte é um conceito que permite operar nos limites da linguagem referente a um não lugar, um não sistema, força diferencial e disruptiva por excelência. O que está em jogo aqui, quando nos voltamos para esse “Mundo do Silêncio” é a escuta para /sso que age.

Pensado por esse viés, o corpo se constitui como uma realidade instável, mantém-se numa relação tumultuada entre o invisível que nos constitui e o plano de visibilidade que nos permite reconhecermo-nos como um corpo.

Se concordarmos com Roland Barthes (1987) que a escritura, como operação poética, tangencia o impossível, pensado como aquilo que não se deixa capturar pelo pensamento, que escapa ao discurso, mas que se anuncia sob outra medida que (não) a do poder, devemos pensar que a poética da corporeidade também buscará tangenciar esse ponto impossível, ponto cego que, invisível, não especularizável, é o que sustenta nossas referências corporais. Ponto que acaba por demarcar um exterior, um fora.

Entretanto, é importante reforçar que esse fora, longe de instalar uma totalidade com aquilo que se encontra dentro – o que nos levaria a tomar a poética da corporeidade como o encontro com um ponto de não cisão –, marca exatamente o corte, a descontinuidade. E é devido a esta descontinuidade que algo da ordem do não-especularizável advém. É exatamente porque há um descentramento do sujeito, que esse confusãoamento entre eu/outro se revela.

Lacan ao referir-se, em seu *Seminário XI*, à primeira característica do inconsciente afirma que este se manifesta para nós como algo que fica “[...] na espera (*dans l'attente*), na região (*dans l'airé*), eu diria, do *não nascido*” (LACAN, 1998, p. 29). Nem irreal nem não real, nem ser nem não ser, esse não nascido, completa Lacan, é da ordem do “não-realizado”. Desse modo, devemos aqui nos ater à fulguração instantânea em que o inconsciente se nos apresenta, como algo que nos visita ao mesmo tempo em que se retira. Interessa-nos localizar aí a categoria da ação e com ela uma problematização da presença.

É exatamente a dimensão de experiência vinculada ao saber, juntamente com aquilo que é passível de ser objetivado, que merece ser questionada. Com Lacan constatamos que essa configuração se sustenta na geometria que, sob a égide da perspectiva, faz com que cada ponto num lugar corresponda ao outro tornando-se modelo para pensarmos a consciência reflexiva. Entretanto, para Lacan, o lugar do sujeito é diferente do lugar do ponto geometral que define a ótica geométrica, posto que o sujeito em causa na psicanálise não é o da consciência reflexiva, mas o do desejo. Nesse ponto algo se pinta e que de modo algum é simplesmente uma relação construída tomando algo como objeto, mas sim uma impressão, “[...] borboteamento de uma superfície que não é, de antemão, situada para mim em sua distância. Aí está algo que faz intervir o que é elidido na relação geometral – a profundidade do campo, com tudo que ela apresenta de ambíguo, de variável, de não dominado de modo algum por mim” (LACAN, 1998, p. 95). Desse modo, podemos depreender, que o sujeito tem que se representar sob o peso de se colocar fora do quadro e, portanto, apartado *d’Isso* que age. Para Lacan é a própria dimensão do saber que se encontra alijada dessa experiência.

De modo que podemos afirmar que aqui estar em trabalho não é trabalhar o corpo, fazer coisas com este, mas mapear seus efeitos, seus desdobramentos, padecendo sem cessar desse limiar, isso se nos pomos numa perspectiva de escuta *d’Isso que*

age. É nesse espaço de limiar que se deve pensar a escuta. Não se trata aqui, portanto, de acumular saberes, mas de tecer uma certa intimidade com esse limiar, avizinhandos-nos do estrangeiro, do exterior, do estranho... Somos atravessados sem cessar por esse limiar, como algo que se presentifica na medida em que dele nos separamos, como algo que só existe sob esse ponto de desvanecimento, de quase-figura...

Lidar com essa perspectiva da ação delineada em articulação com o pulsional pressupõe suportar uma certa dimensão de ausência, de algo que se coloca em jogo bordejando uma desapareição, revelando nessa tessitura o residual pensado aqui como ponto importante para articularmos a categoria do sensível[iii].

Dessa forma, esse não nascido se configuraria como esse algo vivo que é preciso reafirmar a cada vez, como se fosse a primeira. Trata-se então de operar em zonas intermediárias e pouco frequentadas e que se constituem como passagens, entre interior e exterior; entre a ilusão do imaginário e a verdade confirmada pelo corpo do ator-bailarino no aqui e agora em que essas duas ordens se interpenetram.

É nessa zona de opacidade do corpo, quando algo do corpo cai, que padecemos sem cessar de um esquecimento jamais suficientemente esquecido e mapeamos os efeitos daquilo que, não lembrado, se lembra em nós, como ponto desconhecido a partir do qual um corpo, um devir se insinua. Devir-corpo, devir-homem, devir-dança...

Referências

- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- FREUD, Sigmund. **Além do princípio do prazer**. [1920] In: Edição Standard Brasileira das obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1996a, v. XVIII.
- FREUD, Sigmund. **A pulsão e seus destinos**. [1915] In: Edição Standard Brasileira das obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1996b, v. XIV.
- GARCIA-ROZA, Luis Alfredo. **Acaso e repetição em psicanálise**: uma introdução à teoria das pulsões. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003
- JERUSALINKY, Alfredo & FENDRIK, Silvia (orgs). **O livro negro da psicopatologia**. São Paulo: Via Lettera, 2012.
- LABAN, Rudolf. **Choreutics**. Annotated and edited by Lisa Ullman. Hampshire, UK: Dance Books, 2011a.
- LABAN, Rudolf. **The Mastery of Movement**. Fourth Edition. Revised by Lisa Ullman. Hampshire, UK: Dance Books, 2011b.
- LACAN, Jacques. **O seminário, livro II: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1985.
- LACAN, Jacques. **O seminário, livro XI: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1998.

LAUNAY, Isabelle. **Laban, ou a experiência da dança**. Trad. Gustavo Ciríaco. In: PEREIRA, Roberto & SOTER, Silvia (orgs). *Lições de Dança I*. Rio de Janeiro: Univercidade Editora, 1999.

LIMA, Tatiana Motta. **Palavras praticadas: o percurso artístico de Jerzy Grotowski entre os anos de 1959-1974**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

LOUPPE, Laurence. **Poética da dança contemporânea**. Lisboa: Orfeu Negro, 2012.

MACHADO, Marcus Vinicius. **Laban e o corpo intenso**. Curitiba: Editora CRV, 2014. No prelo

RENGEL, Lenira Peral. **Dicionário Laban**. São Paulo: Annablume, 2003.

SAFATLE, Vladimir. **Uma clínica do sensível: a relação entre destituição subjetiva e primado do objeto**. *Revista Interações*, v. X, nº 19, p. 123-150, Jan-Jul, 2005.

[i] O termo extimidade se constrói sobre o de *intimidade* não sendo simplesmente seu oposto. Tal como salienta Jacques Alain-Miller: “Não é o seu contrário, porque o extimo é precisamente o íntimo, inclusive o mais íntimo. [...] Esta palavra indica sem embargo, que o mais íntimo está no exterior, que é como um corpo estranho” (MILLER, 2004, p. 14)

[ii] O termo “ex-istir” aparece ao longo do ensino de Lacan. A escansão da palavra destacando o prefixo ex procura marcar o “fora” da experiência do sujeito, sua expropriação de uma unidade e centralidade a partir do radicalmente Outro: o inconsciente.

[iii] Concordamos com Safatle quando esse afirma que: “Sensível é aquilo que aparece como operador de resistência ao esquematismo do pensamento categorial. Ele é o que impede que o entendimento hipostasie seu conceito por meio de um procedimento de totalização” (SAFATLE, 2005, p. 125).